

# Ser multidão ou ser eu mesmo: o não eu como espelho de mim

**Rodrigo Gama Goulart<sup>1</sup>, Aracaju**

**RESUMO:** O autor traça um panorama sobre o desenvolvimento humano e seu processo de individuação, autonomia e independência já que, nos tempos mais primórdios da vida, é completamente dependente de outra pessoa que esteja disponível para oferecer os cuidados necessários para a manutenção de sua existência. Baseado nas ideias de Wilfred Bion e James Grotstein, elucida sobre a importância da experiência emocional quando em contato com o objeto para o amadurecimento e criação de novas possibilidades, a partir das percepções de si mesmo e da maneira particular como apreende as experiências.

**PALAVRAS-CHAVE:** desenvolvimento; experiência emocional; objeto; psicanálise.

O ser humano é diferente da grande maioria dos outros animais conhecidos, que já nascem bastante mais desenvolvidos que nós. Um bezerrinho que acabou de nascer, após alguns instantes, já consegue levantar-se e, apesar da dificuldade, pode caminhar em direção a sua mãe para receber a primeira mamada. Conosco acontece um pouco diferente: quando um bebê humano nasce, ainda é imaturo o suficiente para que não consiga sequer abrir os olhos, não caminha, não fala, é muito frágil e depende completamente de uma outra pessoa para que seja cuidado, protegido, alimentado, aquecido e limpo.

O animal humano precisa de um ambiente favorável que o receba e

---

1. Psicólogo, psicanalista, membro do Núcleo Psicanalítico de Aracaju, membro fundador da sede brasileira do IPFR A. B. Ferrari, membro do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica do Recife, Preceptor da Residência Médica em Psiquiatria da Fundação em Beneficência do Hospital de Cirurgia.

o acolha depois do nascimento, fora do útero de sua mãe, para que possa dar continuidade ao seu processo de desenvolvimento e maturação, como uma espécie de útero social, pois ainda depende de ajuda em quase todos os sentidos para sobreviver. Nesta etapa do começo da vida, decisiva para todo o desenvolvimento que poderá suceder, o contato íntimo com a mãe (ou com aquele que cumprirá a função) poderá facilitar, se tudo ocorrer suficientemente bem, também para que a mente do bebê possa se desenvolver. Amor, atenção e consideração, por exemplo, em relação ao bebê que acaba de dar à luz, como um outro ser humano que de fato é, com toda a complexidade que nele já existe e dele emana, com necessidades, desejos, fantasias, sensações e percepções próprias, únicas, específicas e, por conta disso mesmo, diferentes, também servem de alimento para que possa se desenvolver. Assim, é lícito afirmar que o contato íntimo entre duas pessoas, entre o bebê e sua mãe neste caso, também teria a função de estímulo para que o bebê desenvolva capacidades, ferramentas e funções que na realidade já traz consigo, à espera da oportunidade para desabrochar, amadurecer e assim aumentar as possibilidades de se manter vivo por mais tempo, em direção à sua própria autonomia e independência. A oportunidade que me refiro é exatamente essa, encontrar um meio favorável, que proporcione o seu próprio desenvolvimento a partir da interação assimétrica, ou seja, com aquilo que é diferente dele mesmo e que, por sua vez, o estimula a se desenvolver, ativando potencialidades que apenas desta maneira seria possível.

Carregamos como herança evolutiva, pela nossa própria adaptação como espécie, a memória de que encontraremos, após nascermos, um mundo violento, cruel e ameaçador, ao qual precisaremos nos proteger enclausurando-nos e, ao mesmo tempo, nutrimos com muito empenho a esperança de encontrarmos as condições necessárias proporcionadas por alguém, de que pode ser diferente, que poderemos ser quem somos, que é necessário e que talvez não nos reste outra opção. Penso ser essa uma das principais funções de uma análise, isto é, facilitar e fornecer subsídios para que o paciente possa se tornar cada vez mais quem ele mesmo é, o

que deverá acontecer, por outro lado, também com o analista, implicado e participante ativo do processo na relação analítica.

Todavia, o ser humano não é dotado das qualidades humanas apenas quando está na sala de análise, obviamente. O que nos torna humanos, com toda a complexidade inerente, nos acompanha por toda a vida, em qualquer situação e em qualquer lugar, e toda a interação onde houver experiência humana, tem a possibilidade aberta de causar transformação e mudança, porém, como disse, uma análise procura fornecer subsídios e condições para que isto aconteça, como um tipo de efeito catalizador por parte do analista em relação ao analisando, como se esta situação bastante específica e peculiar pudesse colocar uma lupa diante dos processos, que traduzem a experiência em si mesma.

Quando se pensa em desenvolvimento do bebê em contato com a mãe, ou do analisando quando em contato com o analista, em uma perspectiva micro, pode-se pensar, tomando emprestado uma outra escala, da cultura, da ciência e da própria psicanálise, aprofundando e ampliando as possibilidades de trabalho. Não sofremos passivamente a influência da cultura e da época em que vivemos, mas participamos ativamente na construção da cultura e da sociedade, com maior ou menor grau e intensidade, mas isso não desqualifica a legitimidade ativa e a responsabilidade que todos nós temos sobre isso. Pensemos.

Um bebê ao entrar em contato com sua mãe, por exemplo, se beneficia dos seus cuidados para continuar existindo e pode então saciar a sua fome. Dependente de outra pessoa, diferente de si mesmo, podendo usufruir genuinamente da interação com o objeto. Porém, em um outro nível, a experiência interna de satisfação, a sensação de ser cuidado, tem potencial transformador, se bem utilizado, regado pela capacidade de desbloquear, por assim dizer, a possibilidade de desenvolvimento que, neste caso, poderia gerar a aquisição da esperança e diminuição da angústia de aniquilamento. O bebê poderia pensar: “não tenho condições de cuidar de mim mesmo ainda, mas posso contar com a ajuda de alguém até conseguir cuidar-me sozinho e continuar vivo”, experimentando tal vivência a nível

de sensações. Outro aspecto, que é importante destacar, é que nós seres humanos, como seres falhos, incompletos, limitados e imperfeitos que somos, poderemos experimentar tal condição em qualquer etapa da vida.

Grotstein (2010) pensou que a concepção de Bion sobre continente-conteúdo, além de sua ampliação para capacidade de comunicação da identificação projetiva, inicialmente descrita por Klein, que geralmente faz referência como sendo ingredientes de um sistema intersubjetivo, isto é, entre duas pessoas, estaria correto. Todavia, *“o homem não necessita de um objeto per se: ele necessita de experiências com os objetos, que ele necessita valorizar e/ou desvalorizar (avaliações de L, H e K)”*. Tal ideia corrobora com o que tento pensar e escrever nas linhas deste trabalho.

O que um bebê necessita de sua mãe, ou um analisando de seu analista, é, entre outras coisas, uma “consulta” com sua mãe/analista quanto a quem ele (o bebê/analizando) é e o que ele necessita a fim de completar-se (de amadurecer, evoluir). Na análise, o analisando projeta seu inconsciente (sistema Ics) em seu analista; conseqüentemente, ele espera que o analista seja onisciente sobre ele (Grotstein, 2010, págs. 60, 61).

Na realidade, parece haver um consenso sobre quem sabe e detém todo o conhecimento a respeito do paciente, só pode ser ele mesmo – apesar da possibilidade de ainda não ter percebido, não o analista. Sendo assim, o analisando se comunica consigo mesmo durante uma sessão, ao se relacionar com o seu analista, ou melhor, ao se relacionar com o que ele imagina, pensa e sente quando na presença do analista e este, por sua vez, torna-se uma espécie de canal de comunicação, um facilitador para a comunicação entre ele mesmo e si próprio. Por outro lado, atrás do divã (ou da tela do computador como tem acontecido nos últimos tempos), da mesma maneira: o analista imagina, sente e pensa quando em contato com o paciente e este, por sua vez, pode tirar proveito dessa capacidade. Desta maneira, cada pessoa só é capaz de imaginar, sentir, pensar e perceber a si

próprio, aquilo que está dos olhos para dentro, da pele para dentro ou dos ouvidos para dentro.

Ogden (1996), em seu livro *Os Sujeitos da Psicanálise*, chama a atenção para esta questão quando da introdução do primeiro capítulo, intitulado *Tornar-se Sujeito* e ajuda a ilustrar o que penso e tento transmitir. “*Tarde demais pra voltar atrás*”, ele escreve, alertando o desavisado leitor sobre a impossibilidade de desistir, apagar, deletar a experiência, já que de alguma forma já aconteceu, ou melhor, já está acontecendo, ainda que nas primeiríssimas palavras do seu livro. De fato, voltar no tempo até o ponto em que a experiência ainda não existia não é uma possibilidade. Assim como a experiência de leitura começa pela capa do livro, a experiência de uma análise talvez comece antes de o paciente chegar ao consultório, a partir da evocação da sua própria imaginação, fantasia, identificações, projeções e sobretudo a idealização que já começam a atuar, mas a análise propriamente dita, claro, está no que acontece durante o encontro e a relação entre as duas pessoas que se propõem a desenvolver este trabalho juntas. Além disso, Ogden destaca que, ao mergulhar na experiência, já podemos nos ver transformados por ela, ao mesmo tempo que transformamos a própria experiência, constituindo uma inter-relação contínua e simultânea até a próxima experiência, que provavelmente acontecerá da mesma maneira, e assim por diante. Uso a palavra “provavelmente” pois não temos como saber até que a próxima experiência chegue e aconteça, pois a experiência anterior ajuda, mas não consegue, apesar da tentativa, abarcar e prever o que acontecerá, sendo o momento presente único e acontecendo sempre pela primeira vez, como escrevi em outro trabalho<sup>2</sup>.

Depois de ter lido as palavras iniciais deste livro você já começou a entrar na perturbadora experiência de se ver transformado num sujeito que você ainda não conhece, mas mesmo assim reconhece. O leitor deste livro precisa criar uma voz com a qual

---

2. Sexta ou Sábado? Considerações sobre Cem Anos de Além do Princípio de Prazer. Revista Multiverso, vol. 3, 2020.

falar (pensar) as palavras (pensamentos) nele contidas (Ogden, 1996, pag. 01).

Quando posso entrar em contato com o conteúdo do livro, na realidade entro em contato comigo mesmo e com as consequências, com a reverberação interna causada em mim pela minha atividade. As pessoas são diferentes e, como tal, apreendem a experiência de modos distintos, cada um a sua maneira. Certa vez, um velho analista recebeu pela primeira vez um paciente em seu consultório e este, sem pestanejar, perguntou que tipo de psicanálise ele praticava, se freudiana, kleiniana, lacaniana, ao passo que o analista prontamente respondeu: “é à moda da casa!”. Cada qual só poderá experimentar, neste sentido, à moda da sua própria casa.

Há alguns anos, recebi mensagem de texto de uma mulher, que chamarei de Amaia, para manter o sigilo da paciente. Na ocasião, me perguntava se poderia atendê-la, pois tinha recebido ótimas recomendações a meu respeito. No meu primeiro encontro com Amaia, me disse que já havia tentado tudo o que podia e que eu, provavelmente, seria a sua última esperança. Queixava-se não sentir mais prazer em estar viva, que nada mais fazia sentido e que, quando piorava, passava dias deitada em sua cama e ainda assim parecia que não conseguia dormir. Além disso, tinha dores de cabeça e nas costas que a acompanhavam por vários anos e nenhum tratamento tinha conseguido aliviar. Nesta ocasião, percebi que ficava me olhando de forma contundente, como se procurasse em mim a si mesma o que, obviamente, seria impossível de encontrar. Não obstante, esperava que eu pudesse dizer a ela o que fazer para aliviar tamanho sofrimento, como proceder, o que deveria pensar, como deveria agir e o que deveria sentir diante dessa ou daquela situação. Tudo o que pude dizer é que poderíamos descobrir juntos a respeito dela mesma durante a experiência de análise e então ela mesma poderia decidir o que fazer.

O início da análise com Amaia foi especialmente conturbado pois, quando percebia que não poderia encontrar a ela mesma em mim, era acometida por profunda frustração, seguida por acessos de ódio e

violência, disferindo ataques a mim, a própria análise e a ela mesma, como escreverei mais adiante. Não se deitava no divã sob nenhuma circunstância, apesar de eu ter oferecido, aberto a possibilidade e incentivado até certo ponto. Talvez se ela não me tivesse no seu campo de visão, nós dois nos beneficiaríamos: ela poderia então se encontrar com ela mesma mais facilmente e eu, conseqüentemente, comigo mesmo e me sentiria mais livre para trabalhar, mas naquele momento ainda não era possível. Amaia precisava me olhar para “saber” que eu estava ali e ela não estava tão sozinha para encontrar-se. Ouvir-me e ver os objetos do meu consultório não era o suficiente. Momentos de silêncio se tornaram extremamente angustiados pois a deixavam muito perturbada: xingava-me violentamente e me perguntava como eu conseguia trabalhar com isso pois, mesmo tendo estudado tantos livros, eu não sabia nada sobre ela e não estava conseguindo ajudá-la. Algumas vezes chegou a ir embora do consultório antes do horário da sessão terminar, enfurecida, marchando e batendo a porta com violência tal que depois precisava checar se a porta ainda estava inteira (ou se eu mesmo estava inteiro, no caso). Na primeira vez que isso aconteceu, Amaia me perguntava o que ela precisaria fazer, ou deixar de fazer, para que não sofresse tanto, me pedindo para que eu a ensinasse a viver a própria vida, de modo que não se sentisse mais incomodada pelo que sentia. Nesta ocasião, tive a oportunidade de dizer que notava que estava sofrendo, mas que as minhas respostas não serviriam para ela, ou seja, que o meu jeito de viver a minha vida só poderia servir para mim, mas que eu estava disposto e disponível para encontrar, junto com ela, um jeito único e específico para que ela pudesse viver a própria vida, com os recursos que ela tinha e que, ao longo da análise, ela pôde desenvolver. Contudo, fui surpreendido por um ataque de fúria: Amaia, aos berros, dizia que daquela maneira eu não a estava ajudando, caminhou até a porta do consultório e ordenou que eu me levantasse e abrisse a porta para que ela pudesse ir embora. Ainda sentado, disse que ainda tínhamos tempo e que eu não concordava que ela fosse embora naquele momento. Após esperar durante alguns instantes em frente a porta, ela mesma abre e vai embora.

Na sessão seguinte a paciente dizia, emocionada, sentir-se mal com o que tinha acontecido, pelo que havia feito, mas, penso, o mais importante dessa experiência foi ela ter podido conter dentro de si mesma e ter despertado para ela mesma sobre o jeito que ela funcionava perante a própria vida e o que lhe acontecia, ou seja, quem de fato ela é que, afinal, não pode ser quem eu sou.

Em outra oportunidade, Amaia dizia sentir-se mal, quando eu pude lhe perguntar como era sentir-se mal para ela, o que me pareceu tê-la deixado surpresa:

*P- Como assim?! Mal é mal!*

*A- Eu sei o que é mal para mim, como eu me sinto quando me sinto mal. Seria importante saber como é para você...*

*P- E é assim?! Tem vários tipos de “mal”, um pra cada um?*

Aos poucos Amaia pôde começar a voltar-se e interessar-se por si mesma e perceber que, na realidade, eu não poderia ser a sua última esperança, mas ela sim era a única pessoa possível para ocupar este lugar, resgatando a possibilidade de ser genuinamente quem ela era, de viver a experiência e saborear, digamos, os seus próprios sabores e dissabores.

## TO BE A CROWD OR TO BE MYSELF: THE OTHER AS A MIRROR OF ME

ABSTRACT: The author writes an overview of human development and its process of individuation, autonomy and independence since the earliest times of life, that is completely dependent on another person who is available to offer the necessary care to maintain its existence. Based on the ideas of Wilfred Bion and James Grotstein, elucidates the importance of emotional experience when in contact with an object for maturing and creating new possibilities, based on its own perceptions and the particular way in which experiences are apprehended.

KEYWORDS: development; emotional experience; object; psychoanalysis.

## SER UNA MULTITUD O SER YO MISMO: EL OUTRO COMO UN ESPEJO DE MÍ

RESUMEN: El autor hace un recorrido por el desarrollo humano y su proceso de

individuación, autonomía e independencia ya que, en los primeros tiempos de la vida, es completamente dependiente de otra persona que está disponible para ofrecerle los cuidados necesarios para mantener su existencia. A partir de las ideas de Wilfred Bion y James Grotstein, dilucida la importancia de la experiencia emocional en contacto con el objeto para madurar y crear nuevas posibilidades, a partir de las percepciones de uno mismo y la forma particular en que se aprehenden las experiencias.

PALABRAS-CLAVE: desarrollo; experiencia emocional; objeto; psicoanálisis.

## REFERÊNCIAS

Bion, W. *Aprendiendo de la experiencia*. Buenos Aires: Ed. Paidós, 1992.

Goulart, R. Sexta ou sábado? Considerações sobre cem anos de Além do Princípio do Prazer. *Revista Multiverso*: Aracaju, 2020.

Grotstein, J. *Um facho de intensa escuridão: o legado de Wilfred Bion à psicanálise*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

Ogden, T. *Os sujeitos da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

rodrigogoulart-@hotmail.com